O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO I — N. 4

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1916

REDAÇÃO: RUA DO SENADO, 215-217 Telefone C. 1.499

Aprestemo-nos para as nossas reivindicações

Rezultado do esforço injente de um nucleo de trabalhadores dispostos a dedicar o seu tempo disponivel na faina árdua da sua emancipação economica, discutindo de acôrdo com os seus recursos intelectuais, á luz brilhante da sociolojia e dos varios sistemas filozoficos, as cauzas determinantes do máu estar social, *O Cosmopolita* surjiu na arena da imprensa operaria, empunhando o ariête da verdade, no momento precizo em que mais se acentuava a necessidade do seu aparecimento para combater com dezassombro e com sinceridade a tirania reinante na classe dos empregados em hoteis, restaurants, cafés, etc., etc., empreendendo ao mesmo tempo uma luta acérrima contra os preconceitos e erros, de que em sua maioria ainda estão imbuidos os trabalhadores que empregam a sua atividade nesta classe, a desfraudar impávido a bandeira da justiça e da razão.

No entanto podemos assegurar que em absoluto não entrou no numero das cojitações dos iniciadores da publicação deste jornal o propozito de com a sua ação influirem na obra de rejeneração dos *senhores* que na industria de hoteis, restaurantes e conjeneres assentaram a sua tenda de exploração, tirando daí o proveito que os privilejios sociais lhe asseguram, sinão com muita moralidade pelo menos *legalmente*...

Colocados numa pozição social por um conjunto de circunstancias economicas e morais, defendem lojicamente os seus privilejios, cumprindo a nós os trabalhadores, colocados do outro lado da barricada, organizarmo-nos como classe espoliada para a reivindicação dos nossos direitos de homens, sempre espezinhados, ora pela aristocracia, ora pela burguezia no decurso de muitos seculos.

Escravo nos primordios da humanidade, servo, posteriormente na idade média, e finalmente proletario depois da Revolução Franceza até os nossos dias, essa tem sido atravéz dos varios estadios da civilização a historia da negra mizeria dos trabalhadores.

Máu grado as lutas tremendas travadas pelos trabalhadores em pról da sua emancipação economica e social os seus rezultados têm sido relativamente de bem pouco alcance.

Efetivamente, um confronto irrezistivel força-nos a concluir que a situação do proletario moderno bem pouco difére da do antigo servo da gléba.

Teoricamente considerado livre o trabalhador é de fato escravo do capitalista. Ele vê-se nas pontas deste dilêma fatal: sujeitar-se ás condições impostas pelo patrão ou morrer de fome! Si em nossos dias já não sofre o aviltamento dos castigos corporais, como outróra os escravos, comtudo é obrigado a sopitar e estrangular no fundo da conciencia os mais nobres impulsos da dignidade humana.

Mas, quer isto dizer que devemos considerar a nossa situação de explorados como uma fatalidade a que é inutil qualquer rezistencia, determinação da vontade de um ente sobrenatural e todo poderozo, que prezide os nossos destinos, fazendo-nos joguetes dos seus supremos dezignios?

Certamente que não!

Na ordem fizica como no ordem social tudo se transforma,nada é imutavel, a historia, a geolojia, a antropolojia e a historia natural nos ensinam que as instituições e os costumes sociais, o homem a terra, as plantas e os demais seres vivos nem sempre tiveram a sua fórma atual e que só atravéz de sucessivas transformações poderam atinjir ao aperfeiçoamento atual. A classe trabalhadora não ha de, pois, constituir uma especie ápart e, refratária a todo aperfeiçoamento, condenada a viver em estado de completa servidão.

Nós confiamos cada vez mais nos rezultados da associação.

Os trabalhadores devem filiar-se á organização da sua classe, e, rompendo as barreiras estreitas e injustificaveis que os separam de oficio para oficio, devem estender as mãos ás demais classes, formando assim a força que despedaçará os grilhões da escravidão moderna.

Certo que as organizações operarias desta capital, e, notoriamente, aquela a que pertencemos, o Centro Cosmopolita, muito deixam a desejar como associações de trabalhadores.

Falemos claro. Si aspiramos á uma vida melhor, onde não nos esmaguem o pezo de tanta opressão; si dezejamos sair das condições humilhantes de asalariados para a de livres produtores, com reciprocidade de direitos e deveres, nós temos de necessariamente, abandonar os antigos métodos de luta para adotar no seio da nossa associação de classe as modificações e os ensinamentos que a experiencia nos proporciona dia a dia, tornando-a d'est'arte um instrumento, uma arma eficaz para a nossa emancipação.

O Centro Cosmopolita, surjido num periodo incipiente do movimento operaria desta capital, podia naquela época satisfazer á mentalidade dos seus fundadores e ás aspirações da classe; os primeiros sem nenhuma noção da questão social, e a ultima atolada na mais enervante apatia, preocupada com a esperança vã de uma emancipação economica individual, que quazi sempre vem a terminar num catre de hospital. Hoje, porém, forçozo é confessar, a sua organização já não consulta os interesses e ás aspirações de uma parte consideravel dos seus membros, os quais animados pelo dezejo de trabalhar pela emancipação economica e moral da classe, vêm com o coração confranjido os seus esforços quebrarem-se de encontro á bareira inespugnavel de mil defeitos, de um sem numero de preconceitos, de regulamentos, despotismos e hierarquias.

Na luta em que os trabalhadores se empenham contra a exploração capitalista, eles devem ter bem nitida, bem cristalizada no cérebro a conciencia de classe. Devem ter em conta que se encontram na linha de combate emfrente de uma classe, que, comquanto muitissimo menos numeroza, tem conseguido pela violencia ou astucia, pela mentira, e protejidos pelo prezente rejimen social, sonegar-lhe o produto do seu trabalho.

Nese ponto é que se acentúa a necessidade de uma propaganda intelijente e esclarecida, calcada no estudo da questão social. Não basta clamar inutilmente contra os patrões, lançar-lhe as mais tremendas objurgatorias. E' precizo estudar e apontar as cauzas determinantes da dezigualdade social. Diagnosticar o mal sem lhe aprofundar as orijens e indicar a terapeutica é trabalho baldado.

A associação deve ser a verdadeira escola onde os trabalhadores supram as deficiencia de uma educação sofismada e de uma instrução rudimentar recebida nas escolas oficiais, onde estudem os fatores dos seus sofrimentos, onde se desprendam de todos os prejuizos que lhe povoam o cérebro, onde finalmente adquiram a conciencia da sua propria personalidade, aprendendo a pensar de motu proprio.

A luta operaria deve ser colocada no terreno precizo da *luta de classes*, isto é, na luta de explorados contra exploradores, frente a frente, sem intermediarios, quer sejam individuos, quer sejam instituições.

Os trabalhadores devem ter sempre em mente que pertencem a uma classe expoliada, que, apezar de serem os produtores de todas as riquezas sociais vêm-se na dura impossibilidade de satisfazerem as mais perentorias necessidades da vida, e que na luta estabelecida contra o capital não devem ter em mira apenas a obtenção de insignificantes melhorias. Pelo contrario devem elevar bem alto as suas vistas, aspirando e trabalhando com todas as suas enerjias para o desmoronamento da sociedade capitalista para sobre as suas ruinas erguerem a sociedade futura de justiça e liberdade.

A sociedade atual está dividida em duas classes de interesses antagonicos e inconciliaveis, uma a que pertencem os que possuem sem trabalhar, os capitalistas; outra a que pertencem os que trabalham sem possuir — os proletarios. *Tudo pertence a alguns*, eis a sinteze do rejimen capitalista.

Daí deriva toda a tirania que nos oprime.

De posse do solo, sub solo, instrumentos de trabalho, meios de transporte, os capitalistas, os patrões, "senhores da terra e das vidas", distribuem ao seu talante a produção, determinam o consumo regulamentam, emfim, a vida nas suas multiplas manifestações. Para eles — os ociozos — o privilegio dos altos gozos da intelijencia e do sentimento, o conforto e o luxo insolente. Para nós trabalhadores — a imensa maioria, produtores de todas as riquezas, — o analfabetismo a fome, a negra mizeria...

Para consagrar esa iniquidade sem nome aí estão os codigos politicos, uma educação sofismada proporcionada pelo Estado, a moral relijioza convertida em assioma pela preguiça mental ou incapacidade de dicernimento do povo, a herança atávica transmitida por muitos séculos de submissão e servilismo.

Na cúpola, como complemento lojico do edificio social, o Estado, democratico ou aristocratico, republicano ou monarquico com os seus orgãos naturais de compressão; majistratura, parlamento, policia, ezército...

Contra essa violencia e esse roubo organizados, cumpre-nos a nós, os trabalhodores opormos a rezistencia da nossa solidariedade. Organizemo-nos, mas tomemos como instrumento poderozo de nossa emancipação o sindicalismo, unico método de luta que póde levar o proletariado á conquista integral do seu bem estar.

Mas, ao organizarmo-nos como assalariados, para oferecermos rezistencia á exploração capitalista devemos precindir dos formalismos e dos preconceitos da sociedade politica em que vivemos e á qual combatemos. Os trabalhadores, apezar de sofrerem as consequencias da má organização social, transportam para o seio das suas associações os uzos e os costumes da sociedade burgueza: as suas hierarquias, e pragmaticas, toda a complicação dos seus regulamentos, entravando-lhe a marcha com monstruozas escrecencias.

Trabalhemos todos os que nos sintamos animados pelas aspirações a uma sociedade de justiça, para expurgar a associação desses estorvos e teremos dado um impulso decisivo á marcha acendente dos nossos ideais de emancipação.

DECENDO DA MONTANHA

(*Continuação*)

Os primeiros, a minoria, são educados para governar.

As universidades são abarrotadas pelos herdeiros dos privilejios, no seio das quais são formados em direito, medicina, jurisprudencia, mercantilismo, técnica militar, teolojia e outros ramos da direção técnica e administrativa que constitui o corpo organico do Estado.

Os segundos, a numeroza maioria, são, os decendentes dos ilótas, dos parias e dos servos da edade média, e como tal educados para ser governados e esplorados pelos precursores dos potentados romanos.

— Nas universidades?

— O' isso seria uma irreverencia perigoza contra os preliminares do sistema de educação burgueza.

Os trabalhadores apenas passam pela escola primaria onde lhes é ministrada uma deficiente educação social e uma instrução superficial das primeiras letras. Emquanto os filhos dos poderozos continuam os seus estudos e recebem os ultimos retoques de uma educação aristocratica, os trabalhadores são arrancados da escola na mais tenra idade e lançados ao fundo de uma fabrica insalubre sem ventilação, onde não se cumpre nenhuma das ezijencias da hijiene moderna, verdadeiros antros de deformação fizica, aniquilamento fiziolojico da humanidade em dejenerecencia ou do contrario, curvados sobre a superficie da terra, como bestas humanas, afim de arrancar do seu seio o alimento necessario para a vida.

Depois da escola primaria, o segundo passo na vida, dado pelos filhos dos pobres, pelos desherdados do patrimonio universal é o trabalho forçado, imposto pela mizeravel condição de vida a que estamos condenados na sociedade capitalista e autoritaria.

Entram no concerto da vida real sem as primeiras noções, sem os conhecimentos mais elementares dos seus direitos e deveres na sociedade, e assim de tal geito caminham humildes na vida, no desfilar sinistro do cortejo fúnebre dos proletarios famintos e esfarrapados até chegarem á sua completa decadência organica, ao abismo da morte, sem meditarem um momento na sua precaria condição de escravos modernos.

Os herdeiros da burguezia terminam os estudos superiores nas universidades, e munidos de um diploma passado pelo Estado, constatando a sua competencia técnica, entram na sociedade, no dezempenho das suas funções profissionais neste ou naquele ramo de ciencia, e ao mesmo tempo vão se congregando em volta da arvore do Estado afim de saborear o fruto proibido ao proletariado, isto é banquetear-se nas festas patrioticas, na orjia governamental á custa da vida roubada aos proletarios no vigor da sua juventude.

Emquanto não conseguem um emprego publico gritam vociféram em comicios publicos e na imprensa; mas não se prolonga por muito tempo esse entuziasmo voluvel, essa ancia de justiça da estudantada.

Bajulam o povo, falam-lhe ao sentimento, desmascaram toda a hipocrizia social, e atiram as sétas de uma critica mordaz aos principios politicos e relijiozos da sociedade.

Nada escapa á sua critica demolidora, ecéto o *sagrado direito de propriedade*, intanjivel... E o proletariado, injenuo, devido ao seu atrazo mental, crê nas falazes arengas dos novos messias e proclamam-nos idolos.

Emquanto os estudantes exploram a ignorancia das multidões inconcientes com os seus discursos pueris, com os seus escritos falazes, os chefes de Estado, os pais dos novos redentores, que já foram alvo da idolatria popular e subiram os mesmos degráus da escada do poder, seguem atentamente os passos dos seus sucessores e quando têm cativada a simpatia injenua dos mizeraveis, da canalha, que os cita e os proclama idolos, declaram-n'os eleitos do povo pelo *voto livre* e abrem-lhe as portas do parlamento. Aí termina a epopeia da nova geração burgueza.

Não mais contáto com a *canalha*, não mais comicios publicos, nem artigos violentos nos diarios burguezes...

"Como é dificil a ciencia de governar os póvos".

Entretanto os decendentes dos párias, dos ilótas da idade média, os proletarios de hoje, a nova geração da humanidade produtora, continúa prizioneira na fabrica, na mina, curvada sobre os campos, arrancando das entranhas da terra o pão e o ouro regado pelo seu suor.

Vão á fabrica, á oficina, á mina ao campo em procura do *pão de cada dia* e encontra a morte, a tuberculoze é a sua eterna companheira.

Na sociedade, no seio das duas classes deziguais, ergue-se o Estado como anjo da paz, aparentando neutralidade na luta economica estabelecida entre as duas classes.

— Para que fim está constituido o Estado?

— O Estado, composto pelos ricos, pelos potentados, está constituido para o fim de manter a paz social, mas em realidade isso é um sofisma aviltante com o qual pretende disfarçar o movel unico da sua ezistencia, bazeada na fraude legalizada e na violencia estabelecida. E' um absurdo o Estado pretender manter a paz entre uma familia no seio da qual ezistem interesses contrarios.

O Estado sendo constituido somente pelos reprezentantes de uma classe não póde absolutamente manter-se neutro na terrivel explozão produzida pelo choque dos interesses antagonicos entre as duas classes.

E efetivamente ele não pretende manter a paz social, e sim a dezigualdade economica, o antagonismo de interesses em que se fundamenta a organização social capitalista.

Naturalmente que a escravidão a mizeria e a tirania a que está condenada a maioria do proletariado desperta nos seus peitos escarnecidos o odio e sêde de vingança contra aqueles que desfrutam descaradamente o produto do seu trabalho e lhe negam todos os direitos á vida.

Que seria dos interesses creados da classe capitalista, dessas grandes companhias monopolizadoras de todos os meios de produção e transporte, que elas açambarcam para o seu uzo e gozo, si o Estado, mesmo por um instante, deixasse de garantir-lhes o direito de propriedade?

Dizem-nos que o Estado está constituido para manter a paz e a harmonia sociais, mas na verdade não é mais nem menos do que a garantia do capital acumulado, da propriedade privada, eternizando dessa maneira a dezigualdade de classes. Si esta é a paz proclamada e mantida pelo Estado, não compreendo o que é a guerra, a mizeria e a tirania reinantes na sociedade burgueza...

— Mas em que principio se bazêa o Estado?

— Na força e na violencia estabelecidas.

— Como consegue ele manter essa monstruoza dezigualdade entre vós, a maioria, condenando-vos a toda sorte de mizerias, sofrimentos e tiranias?

(*Continúa*).

Odnumyar.

Inocentes perguntas

O dezinteresse das classes trabalhadoras do Brazil pelos problemas que implicam dirétamente com suas circunstancias vitais vai se tornando uma calamidade.

E' de vêr grupos de homens vencidos pela mizeria, comentando, nas esquinas, a avalanche de infamias diariamente atiradas ao dôrso do povo inanimado, em palestras pueris, sem uma rezolução firme, capaz de atenuar, ao menos, a sanha maldoza dos patifes do capital.

Ha anos, ainda com satisfação eram vistos os anarquistas do Brazil e as organizações operarias tomarem a peito as violencias do poder e caminharem para a praça publica em louvaveis movimentos de justa indignação.

A atitude dos rebelados, si nunca logrou afinal objetivo, muitas vezes impediu maiores violencias, vezes muitas abalou o prestijio da autoridade.

E o abalo das arcadas é sempre o prenuncio do ruir dos palacios...

E' precizo reajir.

O nosso operariado sucumbe. Crecem a mizeria e a violencia.

Que fazem os liberarios? Por que esta apatia?

Orestes Barboza

Minha entidade

Eu. Quem sou eu, eis o que pretendo dizer. Expôr o estado de conciencia é uma das primeiras condições a satisfazer, quando se congrega, seja para que fim fôr.

E' util para quem se define e para o qual se define. Saberão com quem tratam e como tratar.

São estas as minhas doutrinas; ainda que não seja pozitivista, procuro "viver ás claras".

Não sou pozitivista, como não sou socialista, anarquista, nem espiritista, tampouco pertenço a nenhuma das suas subdivizões, ainda que conceba a idéia de serem esses sistemas as colunas da sociedade futura por cuja baze se debatem.

Não nego a luta dessas ramificações da ideolojia humana, e tenho a convicção de que será, numa época muito lonjinqua, é verdade, mas será emfim vencedora.

Porque é a que está mais d'harmonia com a natureza humana e a justiça hoje concebida pelas filozofias do século prezente. Mas, até lá, os paladinos dessas idéias têm que arquitetar todo o ser moral humano. transformando idéias e sentimentos, para formar o homem imajinado, que encerre todas as qualidades, que farão possivel a ezistencia do rejimen acráta.

São estas as idéias que formo sobre as escolas sociolojicas; mas para chegar até lá, temos que passar por etapas, e estas serão, segundo a evolução da humanidade no momento dado e as circunstancias que a favorecerem.

Quanto ao pozitivismo, o qual não está em "totum", nem caminha a par da evolução da vida, segue um sistema arquitetado por um filozofo, aliás bem profundo, que imajinou um rejimen social belo, sublime, no seu tempo e ainda hoje é considerado.

Seria mesmo uma felicidade que a humanidade o estudasse e o compreendesse, porque assim seria uma humanidade capaz de raciocinar, e teria a faculdade de subir para outra etapa social.

E' impossivel que na humanidade que se bate pelo amor livre e pelo divorcio, já instituido em diversos paizes — e que não admite a viuvez perpétua — haja alguem cujo estado psicolojico permita a ventura de amar uma mulher, cuja imajem jamais se apague; isso não se dá com toda gente, mesmo porque a humanidade não comporta uma crença que imponha limites ao pensamento e ao sentimento; a humanidade não é uniforme, é diversa.

O socialismo será uma das etapas porque talvez passe a humanidade; mas não será ela definitiva.

Pelos principios acima expostos, temos que a humanidade não se encerra numa circunferencia; não aceita uniformidades, porque é heterojenia de sentimentos e de genios.

Quanto ao espiritismo, estou meio confuzo pelo motivo de só ter lido os seus livros, e não ter assistido a sessões, onde se expõem trabalhos fizicos.

Quanto ao rejimen social, ele está de acôrdo com a critica social, bem racional. Seriam acrátas si não admitissem Deus. e não propagassem a caridade. E isto que os faz diferir da anarquia.

O que conclúo é que a humanidade estará sempre em ocilação. E' nisto, precizamente, que está o progresso, porque este é o rezultado da variedade da espécie humana.

EXPEDIENTE

De conformidade com as bazes do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer espansão de pensamento, desde que se ajuste á lojica e á razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano	5$000
Semestre	3$000

Nessa variedade entro eu; que, neste momento, sou eclético. Não sei o que serei amanhã, depois, ou outro dia qualquer. Sei, sim, que na vida tudo é variavel, tudo está sujeito á lei da evolução.

Eu obedeço a essa lei. Hoje leio um livro, amanhã lerei um outro, e o meu espirito progride ou retrocéde, segundo o conteúdo desses livros, e o estado de minha conciencia nesse momento.

Raciocinarei, segundo o prisma, por onde eles concebam a vida.

E' por essa razão que eu hoje sou eclético, devido a ler livros de diferentes doutrina. Si sou espirito paradoxal, não sou fanatico. Reflito a sua concepção por todos os prismas do meu alcance, fazendo um almagama dos assiomas de todas as doutrinas; tiro uma conclzão, que para mim é uma verdade, não uma verdade infalivel, mas um uma hipóteze. Para mim em hipóteze se encerram todas as verdades.

O que hontem foi verdade, hoje é mentira e vice versa. O que hoje é verdade aceita, para o futuro talvez seja um absurdo.

E' por essa razão que sou eclético, esperando os acontecimentos.

Guilherme Saraiva

A anomalia no Restaurant e Bar "Ao Franziskaner"

Os proprietarios do restaurant e bar "Ao Franziskaner" obcecados pelo egoismo perverso que os domina, não trepidam em lançar mão dos meios mais repugnantes e anti humanosde exploração indigna contra os seus empregados.

A falta de competencia técnica, o desconhecimento completo da arte culinaria e a sêde ganancioza dos srs. Mauricio Antonio e companhia Jayme, são os fatores que determinam a anomalia reinante no seu estabelecimento.

Que herdaram esses pasteleiros modelos, do seu mestre Figueirôa, daquele que no momento em que os seus empregados tinham abandonado o trabalho, declarando-se solidarios com os seus companheiros de infortunio, na gréve de 1912, teve a altivez, e o valor dezassombrado de erguer a sua voz no meio do patronato ecitado pela sêde de vingança contra os empregados, declarando-se solidario com os grevistas ?

Não comprenderam a filantropia do mestre, cegos pela falta de competencia administrativa, sentiram-se grandes e olharam com desprezo aqueles que tinham cooperado no seu engrandecimento economico.

Como o seu antigo chefe de cozinha se declarasse solidario novamente, com os seus companheiros, no ultimo movimento grevista realizado pela classe em 1915, revoltados com o procedimento *infiel* do seu empregado juraram vingar-se.

No momento em que o nosso camarada abandonava o trabalho juntamente com os seus companheiros, foram ato continuo dispensados definitivamente do serviço.

Enfurecidos com a atitude dos nossos companheiros, os tres Torquemadas reunidos comentavam puerilmente o fato, chamando os seus empregados de mal agradecidos.

Lagrimas de crocodilo !

Que gratidões, que favores lhes deveriam os nossos companheiros a esses senhores ?

A não ser o produto do seu trabalho que para eles tinham acomulado nas suas burras, não vemos outro.

A não ser a sua saude depauperada em aras dos seus interesses, e a sua liberdade sacrificada em seu beneficio, não vemos outro.

Quando a classe estava em greve, como não houvessem cozinheiros que aceitassem a responsabilidade de trabalhar, no momento, não faltou um tipo indigno e nojento que fosse capaz de personificar o *lacaismo* e a bajulação, entrando para a cozinha a salvar os homens de um aperto.

Não sabeis quem foi esse bajulador, esse lacaio, mizeravel autor dessa infamia ?

Foi um individuo conhecido pelo nome de Nicanor, que por *azar* perdido no oceano conseguiu aportar á bahia de Sebastianopolis.

Sem ter o minimo conhecimento profissional conseguiu penetrar as portas ferreas da "Franziskaner" fechadas aos velhos caixeiros do Rio.

Protejido pelos proprietarios e tolerado benevolamente pelo nosso camarada o chefe da cozinha naquela época, conseguiu abrir os olhos alguma coiza e *formou-se* em caixeiro.

Lacaio por ecelencia, conseguiu armonizar a sua ignorancia e bestialojia com a incompetencia derijente dos proprietarios, e a tolerancia da cozinha.

A maioria dos caixeiros que ali trabalhavam como tambem tivessem sido importados da sucursal, com sede em Redondela, pela caza matriz do Rio "Ao Franziskaner" não fizeram opozição a *matança* do serviço pelo tripeiro.

Mas o que nos não comprendemos, é como esse tipo ridiculo, que mal sabia colocar um prato na meza ao freiguez tivesse a petulancia de entrar para uma cozinha disposto a preencher o logar de um chefe que tivera a injenuidade de ensinar-lhe alguma coiza e o sacrificio de suportar as suas asneiras e imbecilidades.

Acostumado no Porto a trabalhar em tascas e hospedarias chega ao Rio e começa a trabalhar numa caza como a "Franziskaner".

Que quer dizer isto ?

E' a manifestação perene da incapacidade dirijente dos srs. proprietarios do referido estabelecimento.

Qual seria a caza de primeira ordem que aceitaria como caixeiro um individuo que tinha sido vendedor de *tripas* no Porto e criado de hospedaria.

Continuaremos.

ALVARADO.

A' classe e aos simpatizantes da nossa obra

Sabeis o que é uma bibliotéca, esse agrupamento de sabios que não falam, mas que tudo dizem ? Pois é sobre essa obra de tão grande importancia na educação do individuo que eu vos vou falar.

Como sabeis, consta das bazes do Grupo Editor a fundação duma bibliotéca de educação social, bibliotéca essa que já conta um numero regular de obras sobre historia, literatura, sociolojia, etc., dos autores de maior nomeada. Contudo temas necessidade de ampl[i]al-a de modo que ela possa contribuir eficazmente para a elevação mental da classe, emancipando-a dos preconceitos e erros a que está infelizmente acorrentada.

Incumbido desse dezenvolvimento, faço destas colunas um apelo aos camaradas da classe, para que me aussiliem nessa obra de absoluta necessidade para todo aquele que aspira viver e saber alguma coiza.

E' de *praxe* na nossa classe, quando se intenta uma obra destas, considerada de necessidade imperioza, olhar-se com um indiferentismo criminozo tanto para a obra como para os individuos que a promovem, levados pelo sentimento altamente humanitario de preparar o individuo para que ele se conheça a si proprio, conhecendo o seu proprio valor. No entanto, olhando-se, ao acazo, para um botequim por ezemplo, cauza lastima ver-se camaradas nossos que desprezando a sua saude e os seus interesses, e dispersando as suas enerjias, se entregam ao vicio do alcool, ajuntando a esse o do bilhar, absorvendo pelas narinas quanta poeira eziste nesses antros de vicio e de corrução, enquanto os livros, esses grandes mestres descançam nas bibliotécas, a não ser que um ou outro dedicado e conciente os vá tirar da paz em que permanecem tranquilos.

Basta já de indiferentismo !

Estamos em pleno seculo XX e não mais é tempo de vacilações !

Temos, custe o que custar, de enfrentar o capital uzurpador e portanto necessitamos de preparo.

Preparai-vos ! Aussiliai-nos nesse empreendimento, pois aussiliareis a vós proprios.

A escola que o grupo está organizando por si só nada seria sem o necessario complemento de uma boa bibliotéca. Que valeria ela si não fôra o aussilio desses pequenos sêres que, embora inanimados, nos revelam fatos e conhecimentos de suma importancia para a vossa educação.

Que seriamos nós si não fossem esses preciozos orgãos de transmissão do saber humano ? Simplesmente uns brutos que para nada serviriamos, sem um preparo moral e intelectual indispensavel á vida de relações sociais, enfim, umas féras bravias, embrenhadas nas selvas, a nos devorarmos uns aos outros.

Si os trabalhadores refletissem na sua situação, si procurassem nos livros os ensinamentos que eles sabiamente nol-os fornecem, si nos aussiliasse, não teriam sido certamente arrastados a luta fraticida em que atualmente se devoram na Europa.

Portanto, camaradas, achando-se aberta uma coléta para se conseguir fundos para aquizição de livros, espero que todos os que simpatizam com a nossa obra venham ao nosso encontro, a concorrer com o seu grão de areia á elevação desse edificio; para isso esperamos vêr o maior numero de assinaturas.

Qualquer contribuição aceitaremos de bom grado, desde a insignificancia de 100 réis.

O bibliotécario do Grupo.

Pauladas e pedradas

Contemplamos a natureza em todo o seu esplendor maravilhozo.

O' mãe adorada !

Como és bela sutil e fecunda em todas as tuas manifestações de grandeza e orgulho !

Amamos-te com mistica idolatria e sentimos com ardor fecundo ancias de conhecer-te.

Acostumados a viver na dor e na alegria, disputamos-te constantemente.

Estudamos e discutimos com fervor as tuas leis e contemplamos extaziados os teus movimentos...

Sempre que conseguimos reunir um certo numero de companheiros estudiozos e amantes de desvendar os[t]es segredos, descutimos com desvelo o teu estado latente de evolução.

Hoje não temos a minima dificuldade em reunirmos-nos diariamente um nucleo de ativos camaradas que se interessam por discurtir os problemas mais trancendentais da vida humana, bazeada nas imutaveis leis da natureza.

Dado o estado de efervecencia em que se encontra a minoria militante da nossa classe e a satisfação produzida pelo ezito alcançado pelo orgão defensor dos nossos interesses, "O Cosmopolita", não passa noite que não tenhamos palestras educativas, nas quais nos debatemos em entuziasticas polemicas sobre os principios filozoficos da ciencia experimental das forças vivas da natureza.

Nada escapa á critica dos nossos sentidos aussiliados pela boa lojica e pela razão.

Discutimos com interesse idealistico os pincipios mais elevados da filozofia materialista, a sociolojia, a geolojia e outros ramos das ciencias naturais.

A' noite passada como em todas as noites precedentes, realizamos uma reunião afim de tratar de interesses do jornal e, naturalmente, como era de esperar, depois de terminados os trabalhos acerca da vida economica do "O Cosmopolita" surjiu a ideia da necessidade de uma palestra ideolojica.

Todos aceitámos de bom grado a ideia de um dos nossos companheiros, e, ato continuo, á abordada a téze.

Diz um camarada:

— O problema economico — esse é o que mais nos interessa, e que mais depressa urje rezolver. Mas, como um outro companheiro não concordasse inteiramente com a téze aprezentada, retruca: na realidade é o problema economico o de importancia mais trancendental para nós. E' nele que temos que ezercitar-nos afim de esgrimirmos as armas num combate tenaz contra a sociedade capitalista, mas, em todo o cazo, creio não ser lojico, limitarmo-nos a discutir o mesmo problema do pão. Devemos passar do concreto ao abstrato, e abarcar nas nossas palestras os diversos principios filozóficos e amalgamadas leis da natureza.

As nossas aspirações ideolojicas não se concretizam somente numa questão de estomago, e, portanto, devemos encaminhar as nossas discussões ao estudo da natureza.

—Por ezemplo, hoje que estamos reunidos aqui, os mais dedicados companheiros, aqueles que pretendem viver uma vida de acordo com a leis naturais, vamos discutir o seguinte: A filozofia natural.

Aceita a ideia pelos camaradas começámos a discutir sobre a formação da terra, bazeados na ciencia geolojica.

Estavamos no periodo incandecente do planeta quando subtamente fomos interpelados bruscamente por um estranho que indignado exclama: obcecados materalistas, apenas vos entreteis com a materia ! Desprezais o ramo mais culminante da ciencia: o espiritismo.

— O' horror tremendo ! Isso é um atentado á natureza, o que esse individuo pretende perpretar perante os seus mais dedicados defensores.

— Maldito seja o corpo que renega a sua essencia.

— Quem sois vois que pretendeis envernizar a vossa doutrina absurda com o nome de ciencia ? Sois os precursores dos fantasmas, dos feiticeiros e charlatães do periodo embrionario da humanidade. Não podemos consentir, os amantes da natureza, que se pratique tamanho atentado metafizico contra a nossa mãi comum. — "Aporti-vos de nós, deixai que nos dê o sol".

Dado o estado de ecitação nervoza em que estava convulsionado o imprudente idiota encerrámos a sesão, e nem uma palavra.

Como tivessemos terminado os nossos afazeres diarios na redação, fechámos o expediente e saimos, deixando na solidão o idiotismo personificado.

Congregando-nos novamente na rua os companheiro que, embora pensando diferentemente, aceitamos o livre ezame das coizas, rezolvemos escolher um logar pitoresco afim de passarmos uma hora agradavel.

O espaço azulado mostrava-se em todo o seu esplendor, com a iluminação radiante dos brilhantes planetas que nele circulam.

Que noite delicioza !

Nada ! E' absolutamente impossivel retirarmo-nos hoje, sem discutirmos alguma coiza, sob tanta grandeza.

Conhecer a natureza; eis o problema a discutir.

Atravessamos a barreira do Senado em direção ao Largo da Gloria, dispostos a começar novamente a discussão.

Chegámos ao ponto de destino e sentamo-nos num dos bancos do jardim a apreciar o debater constante do monstro azul que ajitava preneticamente as suas barbas brancas.

Estavamos já dispostos a encetar de novo a discussão, quando aprossima-se de nós um antigo camarada que radiante de alegria exclama:

— Não sabeis de uma novidade ? O chefe de policia proibiu terminantemente que os "passivos" se aglomerem na Galeria Cruzeiro !

Um dos nossos, irritado pela nova e imprevista interrupção, diz: "Decididamente, quanto mais amamos a natureza mais somos impedidos de estudar as sua leis. Primeiramente a imprudencia de um idiota, e agora a informação do atentado dos "passivos" contra a sua propria natureza."

Que horror abominavel !

— Em todo o cazo é preferivel a obcecação do espirita á "passividade" anormal do homem contra a sua propria natureza.

Por natural afinidade de assunto começámos a discutir anatomia. Indignados comentavamos o mal pernicioso da pedarastia.

Continuavamos exteriorizando o nosso pensamento acerca do ocorrido quando fomos abordados novamente por um outro conhecido que, estreitando-nos a mão efuzivamente, toma um logar junto de nós e diznos prazenteiro:

— Andais em missão do vosso jornal, não é verdade ?

— Homem, é verdade. Como nos faltassem materia para enchermos a coluna *Pauladas e Pedradas* do "Cosmopolita", rezolvemos dar um "giro" pela Avenida Beira Mar, afim de vermos si atravéz da vida noturna podiamos colher alguma coiza de util.

— A propozito, tenho alguma coiza que dizer-vos, si é que quereis tomar em consideração as minhas informações.

— Ora esa ! Do melhor grado aceital-as-emos.

— Como sabeis, trabalho até uma hora; neste momento deixo em paz o meu patrão. Mas, quando saia reparei que um homem enfurecido gesticulava como um louco pela Avenida afóra.

Perprexo com a cena que prezenciava aprossimei-me curioso do homem e qual não foi o meu espanto ao dar de cara com a fizinomia ezotica do "maitre-d'hôtel" dos "Estranjeires" o Emilio "Caréca", que ajitadissimo comentava a "violencia" da policia e esbravejava contra os ataques do "O Cosmopolita". O homenzinho parecia um idiota ! Gritava em alta voz, protestando contra o chefe de policia por tel-o proibido de fazer ponto na Companhia Jardim Botanico e anatematizava o jornal defensor da nossa classe.

Continuaremos no prossimo numero a interessante e sujestiva narração do nosso conhecido.

O. R. M.

Ressurje uma obra glorioza

Ha sete longos anos um pequeno numero de concientes e dedicados companheiros, empregados em hoteis, restaurants, cafés e bars, não medindo sacrificios e desprezando interesses pessoais, propuzeram-se a publicar um orgam em defeza da classe, ao qual deram o nome de "A verdade".

O que foi essa obra grandioza, todos os que nela trabalharam e a acompanharam o sabem; a luta empreêndida por esse punhado de companheiros contra a esploração patronal foi a mais renhida de quantas têem sido travadas até á prezente data. Ainda está na memoria de todos os que conosco labutam a vitória alcançada nos principais cafés do Rio de Janeiro, cujos empregados eram sobrecarregados com um ecessivo horario de 16 e 18 horas de trabalho e alguns havia que completavam as 24 horas, pois que o pouco tempo que lhes davam de repouso eram forçados a fazel-o sobre as cadeiras do proprio estabelecimento, isto é uma ou duas horas. Dessa luta tenaz e renida se conseguiu um pouco de melhorias; mas esses companheiros escravizados, como nós, e que, portanto, nos deviam dar um pouco de alento ao nosso esforço de humanitaria justiça, não souberam, no entanto, compreender isso; sós, e ezaustos pelos esforços materiais fomos forçados a suspender a luta temporariamente, o que deu ensejo a que a ação patronal redobrasse de atividade contra os humildes empregados.

Mais uma vez sentimos a imperioza necessidade de aceitar a luta em nossa defeza unindo-se um grupo de companheiros, e com os maiores sacrificios e esforços conseguiu lançar os alicerces de um novo orgam para dar combate áqueles que nos esploram, dando-lhe o nome de "O Despertar", começando a ser publicado em principios do ano de 1912, cuja ação foi a mais benefica para a classe que defendia e representava: entretanto, pelas mesmas razões que o primitivo tinha dezaparecido, assim tambem esse deixava de satisfazer o compromisso assumido, em fins desse mesmo ano.

Presentindo-nos fracos, a exploração ambicioza do patronato contra os seus empregados subia de ponto, dando ensejo á mais enerjica e justa ajitação no seio da classe, cujo desfecho foi o ato de rebeldia, qeal foi a gréve geral de 10 de julho de 1915.

O aparente fracasso desse gesto, troussenos novas luzes, novas orientações sobre o problema da nossa emancipação. Apezar daquilo que reclamavamos ser uma lei discutida, aprovada e sancionada, e, portanto, em pleno vigor, as autoridades competentes, sempre ao inteiro dispôr dos interesses capitalistas, não quizeram até hoje ezecutal-a.

Todos esses fatos nos tem servido de proveitozo estudo: assim é que a classe se tem ocupado em pôr em pratica os meios eficazes de defeza; agora alguns dos mais dedicados companheiros levantaram a ideia da publicação de um novo orgam defensor da classe, mas desta vez com alicerces solidos, graças ás experiencias anteriores. Para esse fim varias foram as reuniões realizadas nos mezes de maio, junho e julho, até que a 9 de agosto eram lançadas as bazes fundamentais do novo jornal a que se deu o nome de "O Cosmopolita" e tomadas outras medidas afim de adquirir os fundos necessarios á sua publicação, as quais foram coroadas do melhor exito, iniciando-se, como se sabe, a 28 de Outubro do corrente ano.

E a luta está travada, aqui estamos a postos no combate encarniçado aos nossos opressores!

Avante, pois!

Viva o "Cosmopolita".

ARIEDREC.

Aos insensatos

Quando nos propuzemos fundar "O Cosmopolita, já contavamos com a opozição de certo numero de companheiros, que, faltos de intelijencia e sem o menor senso critico, não têm a menor seremonia em propalar aos quatro ventos que o jornal que agora sái em pról da nossa defeza, não se destina a fins elevados e nobres, que não tem em vista sinão "esplorar". Nada mais injusto do que pensar-se assim numa classe como a nossa que, pelo menos, tem por dever possuir uma certa doze de senso comum para analizar as coizas no seu verdadeiro aspéto.

Creio que o meio mais acertado de se julgar com acerto, ou pelo menos com mais probabilidade de tal, seria que esses eternos maldizentes se associassem ao Centro e comparecesse á todas ás reuniões, procurassem estudar os problemas cuja solução dizem de perto com os seus interesses de trabalhadores.

Estamos convictos de que, si eles assim procedessem, dentro em pouco os poderiamos contar no numero dos mais ardorozos e sinceros calaboradodes da nossa obra.

Mas, sem ser assim, como poderão eles arrogar-se ao direito de investirem contra nós si só a conhecem por ouvir dizer, si nunca penetraram as portas do Centro ? E saibam que alguns até nem sabem, onde está instalado o Centro Cosmopolita !

Isto é para lamentar profundamente, companheiros !

A falta de associação, a falta de instrução e, finalmente, a falta de compreensão de tudo quanto se relaciona com os nossos interesses dão motivo a que digam por si uma porção de barbaridades.

"O Cosmopolita" foi fundado para defender os nossos interesses, isto é, a classe que representamos, mas não póde deixar de censurar e criticar todos os camaradas que julgarem que lhes seremos um obstaculo. E' sempre mal recompensado todo aquele que proceda bem; nós estamos bem dispostos á lutar pelos nossos interesses e pela conquista da nossa liberdade.

E para isso é precizo que não nos olvidemos da fraze: "A união faz a força!" E' precizo que todos se associem, que todos concorram com tudo quanto esteja ao seu alcance e na medida de suas forças, e si assim fôr teremos uma união forte e capaz para quando tenhamos que jogar a partida com os nossos exploradores, termos probabilidades de a ganhar.

O que acabamos de dizer não é um enigma, basta que reine entre nós a idéa associativa e o respeito mutuo.

Eu, o simples rabiscador destas letras, dezejaria de toda a minh'alma conhecer-vos e falar-vos pessoalmente, para que vós tambem me conhecesseis.

Si eu fosse um artista da palavra e das letras, pintar-vos-ia aqui em frazes eloquentes a organização social prezente, mas sendo falto de cultura e preparo literario abstenho-me de tão importante tarefa.

Mas ezalto aqui a espegança que alimento de ver-vos um dia, que não está muito lonje, todos unidos a nós, para juntos trabalharmos pelo nosso bem estar.

A união é o unico estribo em que nos devemos apoiar para poder transpassar esse abismo que nos separa da nossa definitiva emancipação.

Lutemos! porque para eles o dia do grande julgamento chegará !

Viveis mal ? Trabalhais muitas horas ? Ganhais um pessimo salario ? Sois criminozamente mal alimentados ? Quem terá a culpa ?

Pois devo dizer-vos que a maior culpa é vossa. Ignorais por completo o direito que tendes á vida e á liberdade.

MAX TERRA.

Sofrer para ganhal-o e depois para carregal-o

Companheiros do "O Cosmopolita"
Saude e Liberdade

Um cazo de maxima importancia, que deve merecer toda a vossa consideração, leva-nos ás colunas de "O Cosmopolita", orgão defensor dos interesses da nossa classe, para lançar um veemente protesto contra o inqualificavel abuzo praticado pelo proprietario do "Café Universo", contra os nossos companheiros que ali trabalham.

O egoismo perverso e deshumano que domina alguns proprietarios de Cafés, entre os quais está incluido o do "Café Universo", sito á rua da Assembléa esquina da de Rodrigo Silva, levou-os a negociar com niqueis tirando daí uma mizeravel porcentajem.

Achando eles que os nossos companheiros levam pouco trabalho para ganhar o mizero ordenado, querem completar a sua obra fazendo-lhes carregar ás costas, dentro de um saco, para que assim de tal geito o levem mais bem ganho.

Mas, quem sabe si não será um plano maquiavelico que esse sr. proprietario quer pôr em pratica fazendo vitimas os nossos companheiros ?

Em tal cazo chamamos a atenção dos nossos companheiros que trabalham no mencionado café, para que estejam de sobre avizo, esperando os acontecimentos, para fazer falhar o plano de semelhante ajiota.

Companheiros de "O Cosmopolita", de vós nos despedimos gratos, confiando que a obra por vós começada seja duradoura e estavel.

Vossos e da cauza da emancipação proletaria.

Um socio do Centro Cosmopolita.

Rio, 15 — 11 — 1916.

No reinado da escravidão

O que é a exploração da empreza arrendataria dos carros-restaurants da E. F. C. B-[illegible]

A lamentavel apatia e indiferentismo em que está submerjida a nossa classe, deixando no olvido, num abandono criminozo a defeza dos seus mais vitais interesses, tem permitido que os gananciozos patrões levem a sua exploração ás raias de uma ignominoza escravatura moderna.

Haja vista o que está praticando o *senhor* Antonio Cardozo da Silva, *digno* e honrado sucessor da firma Ferreira & Cardozo na exploração dos serviços dos carros — restaurants da Estrada de Ferro Central do Brazil.

Sem conhecer patavina dos serviços de que se tornou arrendatario por meio de um contrato dado a mão beijada, donde tira as maiores vantajens, não contente de tosquiar o numerozo publico que lhe cai nas aduncas garras, ainda ezerce sobre os seus empregados uma exploração mais que revoltante. Sinão, vejamos.

Encontrando-me ha tempos sem trabalho, diriji-me ao escritorio da Empreza, e ali falei ao proprio sr. Cardozo, pedindo-lhe um logar nos carros-restaurants.

Não obtive, porém, o logar dezejado sem primeiramente passar por um interrogatorio em regra. Perguntou-me o sr. Cardozo: "Aonde tem você trabalhado?" ao que respondi: Na Central Arjentina, em Buenos Aires, além de outros.

— E por muito tempo?

— Durante 5 anos.

— Como é organizado lá o serviço? Quanto pagam ao pessoal?

E por aí adiante continuou no seu rigorozo interrogatorio, procurando de tudo informar-se. A tudo respondi-lhe, fornecendo-lhe todos os detalhes da organização do serviço de lá.

O sr. Cardozo mostrou-se inclinado a introduzir nos serviços da sua Empreza os melhoramentos que lhe pareceram aceitaveis pelo confronto dos serviços da Central Arjentina, segundo a descrição que eu lhe fizera.

A seu pedido mostrei-lhe um album com fotografias.

O sr. Cardozo continuava dezejozo de conhecer a organização daquele serviço na Republica Arjentina. Apezar de dizer que nós aqui não podemos ter um serviço assim organizado, porque o publico não sabe compensar os sacrificios dispendidos.

E o sr. Cardozo acabou por não fazer nada, nem em relação ao serviço propriamente dito, nem muito menos em relação ás condições de trabalho dos empregados.

E por que? Porque... está muito acostumado a ter empregados, obedientes, cumpridores incondicionais dos seus deveres, entregues á discreção á sua *generozida*de e quiçá aos seus caprichos e a sua ganancia.

Imajinem por esse "pano de amostra" o rejimen a que estão sujeitos os seus empregados.

Os caixeiros não tem salario fixo. Recebem uma comissão de tres por cento; si nada vendem, nada recebem!

Os gerentes de carros 150$000; os cozinheiros idem. Os ajudantes de cozinha ganham 70$000, os empregados de cópa 60$000.

Durante o mez tem 10 dias parados no correr dos quais os caixeiros nada ganham, nem comida, e os outros vencem ordenado, mas não têm direito a comida.

Disse "parado", mas isto é um modo de dizer porque durante esses dias os empregados são obrigados a comparecer á Estrada afim de procederem á limpeza dos carros e de todos os utencilios da Empreza.

Por qualquer peça do material que se parta é responsavel o empregado, isto sem que se tenha em conta que o foi por cazualidade, apezar do regulamento da Empreza dispôr que o empregado só será responsabilizado si se verificar que o foi "por descuido, má vontade ou abuzo".

A comida para não dar a nota dissonante, quebrando a harmonia do conjunto, está abaixo de qualquer critica.

A bebida do pessoal em viagem é a seguinte: agua do tanque, cheio de microbios patojenicos — que nunca é lavado. Essa agua, que pelas condições de hojiene do seu rezervatorio, póde ser cauza da trasmissão das mais perigozas molestias, é empregada nos mais variados mistéres; para matar a sêde, para preparar a comida, etc., etc...

E as célebres e nojentas camas de São Paulo, Burnier e Belo Horizonte, estações em que são infelizes empregados do sr. Cardozo obrigados a pernoitar. Ah! nem é bom falar.

Parecem que foram ali deixadas pelos mizeraveis quando por lá pasaram...

Calculem que nem lençóes, uma simples tarimba com um colchão imundo, a pedir uma dezinfeção rigoroza da Saude Publica.

Quando se fórma um trem especial, agarra-se dois homens, vestem-nos de cazaca para fazer de *garçons*, a 5$ por cabeça, que, coitados! — nem lhe chegam para tomar um purgante para limpar o organismo da terra que é obrigado, a tragar durante a viagem!

Mas, por hoje basta. Creio que por estas verdades que aí ficam fiz-lhes passar por diante dos olhos uma ideia aprossimada da exploração ezercida pela Empreza arrendataria dos serviços dos carros restaurants da Central do Brazil.

Cumpre ao *Cosmopolita* encetar quanto antes uma campanha contra esa torpe exploração que nos enche de vergonha e oprobrio.

Rio, 11 — 12 — 1916.

S. A. F.

A nossa ortografia

Obedecendo a uma tendencia moderna, a que os mais autorizados filologos não hezitam em dar o seu assentimento, adotámos na redação do nosso modesto periodico a ortografia fonetica, em substituição á anacronica, confuza e ilojica grafia uzual, pretensamente chamada "etimológica".

Foi isto entretanto, motivo para que o nosso jornalzinho fosse alvo da critica fulminante de uma lejião de gramaticos, surjidos como por encanto, como cogumelos á superficie da terra, os quais, por não suportarem essa sácrilega *mutilação* do idioma em que Camões compoz os *Luziadas*, crivaram-nos dos mais indezejaveis adjetivos...

Muito embora não nos tenhamos na conta de obstinados, e pelo contrario, nos sentindo por temperamento e por principio inclinados sempre a ouvir voz de uma critica judicioza, não podemos atender aos criticos de agora, pela razão muito simples de os julgarmos despidos de qualquer doze de raciocinio.

E assim sendo não extranhem os leitores o não encontrarem nestas colunas, despidas de quaisquer pretensões literarias, as *ornamentações*, que no dizer dos ferrenhos tradicionalistas do idioma, constituem a sua *fizionomia*.

Já o dissemos uma vez, e agora o repetimos: não nos abalançámos a iniciativa da publicação deste periodico para a ezibição de dotes literarios, que em absoluto não possuimos; não alimentamos a pretenção (que em nós seria estulta) de refundir os moldes do vernaculo. Apenas entre duas correntes que se degladiam, uma a dos que sustentam a conservação da babel da chamada ortografia uzual, os crentes da "religião ortografica", e outra, a dos que se batem pela simplificação da complicada ortografia portugueza, seguimos aquela que se nos afigura mais racional e portanto mais consentanea com a tendencia moderna.

Espetadelas

Cada vez nos sentimos mais impelidos a proseguir na publicação desta coluna dados os abuzos que constantemente são praticados pelos Torquemadas modernos contra as suas vitimas indefezas que rezignadamente suportam, os ultrajes mais vexatorios, que aviltam e vilipendiam a dignidade humana.

Admitimos o egoismo na sociedade capitalista até certo ponto de vista como necessario. Mas nem por isso estamos de acordo com a espansão dezemfreada que alguns filantropicos patrões pretendem dar-lhe.

Naturalmente que a sociedade burgueza com a sua dezigualdade de classes, coloca os individuos no seguinte dilema:

Ou aceitamos eternamente o chicote da esploração sendo empregados ou, deixando de sel-os, passamos a patrões e temos que esplorar.

E' natural e lojico que dos dois caminhos sigamos o melhor, tendo probabilidades.

Eis o que tem feito muitos ex-companheiros passando a patrões.

No entanto não deviam estes ser mais humanos, conhecendo as necessidades da vida?

Com pequenas eceções são os que mais tiranizam os seus companheiros de hontem.

Temos por ezemplo o nosso eis-companheiro Miguel Domingues proprietario da "Rotisserie Progresso" que está dezempenhando um papel importante na representação tiranica do drama em tres atos, "Mizeria 1º, Estupidez 2º e Opressão 3º".

— Olha Miguel tu para trajico tens pouco geito!

Não tens jogo de cena, és anti estetico e muito pezado... nas tuas espressões, já vês que não reunes as qualidades mais indispensaveis a um bom artista.

Como é que tu queres dar sorte na reprezentação do *drama social* em tres atos?

Segundo estamos informados, não foram poucas as vezes que tu protestastes contra o picadinho, esse picadinho infame que a maior parte das vezes é feito com restos de carnes deterioradas, ou ao menos que já têm limpado todos os cantos da cozinha.

Como é que tu agora tens condenado os teus aussiliares a comer o eterno picadinho?

Olha, nós achamos de suma importande *trajico social* e sejas mais camarada **cia para ti que abandones essa vaidade** daqueles que te ajudam a acumular o dinheiro na burra, ouvistes?

Lembra-te do passado porque assim serás mais humano.

* * *

O proprietario do antigo *Café Pianol*, sr. Rodrigues Vieira da Silva como se tivesse enganado na cartada está entrando em economias rigorozas, afim de salvar a aflita situação do seu negocio.

E' natural e lojico que o sr. Rodrigues Vieira da Silva aplique umas injeções fortificantes ao seu enfermo, mas o que não é natural nem lojico é que esse cientista tire a vida a outros doentes para salvar a enfermo de caza.

Tivemos conhecimento que o proprietario desse café é um dos tantos que não tem absolutamente direito a vida, mas como lhe fosse possivel acender a patrão acha-se no direito de sacrificar vidas uteis e jovens para normalizar a sua ezistencia

Além de pagar um mizeravel ordenado que mal chega para o pão de cada dia, ainda tem a petulancia de cobrar a louça quebrada.

Parece incrivel que em pleno seculo XX ainda se ramifique a ezistencia dos descendentes de Torquemadas e Loyólas.

R. R. M.

Lérias e Trêtas

Dezempregado e sem o "vil metal" é dificil viver.

Comprei, pois, um jornal para ver os anuncios de empregos.

Encontrei um, assim redijido:

"Preciza-se de um perfeito "garçon", bastante pratico, bem educado, sem bigode, para caza particular; serviço rigorosamente á franceza e de cazaca, rua X, n..."

Fiz o respetivo embrulho da casaca e tomei o rumo da casa anunciada. Chego e vejo lindo palacio, tendo á frente florecente jardim. Tóco a campainha elétrica e em pouco aparéce a criada, anuncio-lhe a minha qualidade de candidato ao emprego anunciado; a criada manda-me entrar e aprezenta-me a patróa.

— O senhor vem pelo anuncio do jornal?

— Venho, minha senhoara

— Tem bastante pratica?

— Tenho, minha senhora.

— Dá abono da sua conduta?

— Dou, sim, senhora...

— Que é esse embrulho?

— E' a cazaca, minha senhora.

— Bem, ponha o embrulho em cima desta mesa, que eu vou lhe explicar o que tem a fazer. Venha comigo.

Sáio atraz da respeitavel matrona.

Levou-me á sala de refeições.

— Olhe, aqui está todo o serviço; é á franceza que se serve. Todos os dias tem um prato certo; é como nos restaurants, (mas sempre á franceza). Hoje, por ezemplo, que é domingo tem sarapatelde "couchon". Segunda-feira carurú de quiabos; terça-feira vatapá de "merlon"; quarta-ra muquéca de "crevetes" e sábado, feijoada. Não acha que está bom o nosso "menu"?

— Muito bom, yáyá!

— Ah! o senhor já fala bem o francez... Bem, vamos ao resto que são serviços leves e lijeiros. O senhor tem de encerar a casa tres vezes por semana e varrel-a todas as vezes que forem precizas; fazer o café e ferver o leite, e servil-o ás pessoas da caza conforme se forem levantando, atender ao telefone, passar o pano em todas as vidraças; sacudir os tapetes, fazer limpeza na "cazinha" e... deixar á noite todas as plantas ao sereno. Agora vamos ao quintal, tem que tratar destas galinhas,— com cuidado, que são de raça — (pôem todos os dias), fazer limpeza no viveiro de passarinhos.

E assim iamos andando...

— E' precizo tratar desta arára — com muito cuidado que é de estimação — (Foi um prezente que deram ao meu Lulú..)

Mais adiante havia um grande cão, o qual começou a ladrar — Cala a boca! — grita madame, ao mesmo tempo que se voltava para mim, que estaquei, meio desconfiado, julgando que se dirijira a mim. Mas, madame tranquilizou-me:

— Não se assuste que este animal é muito manso, só ladra quando vê outro....

Olhei para todos os lados e não vi outro. A concluzão impunha-se: um de nós era o "outro".

Madame, porém continuava na enumeração das minhas futuras obrigações: Tem de tratar dele todos os dias.

Seguimos. Numa jaula estava um cadela, e madame diz:

— Conhece esta raça?

— Conheço! isto é fox"...

— Ah! então vem a proposito, ela vai "dar á luz" por estes dias... Fica desde já incumbido de tratal-a.

— Pois, sim, madame. Eu disso conheço muito, já fiz parte do juri de uma expozição canina, em Jacarépaguá...

A seguir havia um "aquario".

— Tem que mudar todos os dias a agua a estes peixinhos, com geito para os não matar. Nos dias em que formos ao theatro, tem que ir ao lado do "chauffeur", a fazer de lacaio...

Já nos iamos aprossimando do ponto de partida, onde eu deixára o embrulho com a cazaca; madame continuava ainda dizendo:

— E' precizo ter sempre as botinas do patrão engraxadas. Tudo bem limpo. Depois o resto do serviço que de momento não me posso lembrar...

— O', minha senhora, veja si se póde lembrar porque eu gosto de saber tudo quanto tenho a fazer...

Madame, fazendo um esforço de memoria consegue lembrar-se de mais uma das minhas futuras obrigações, e eu meditava no melhor meio de descartar-me da terrivel matrona anunciante.

De repente exclama, madame, radiante:

— Ah! agora me lembro! deve tambem atender ao portão, "sempre de cazaca".

Precizamente nesse momento a campainha tóca. Pégo do embrulho e me encaminho espavorido para a porta.

Madame interrompe-me:

— Onde vai?

— Atender ao portão.

— E leva o embrulho?

— O embrulho é a cazáca.

— Mas a cazaca é para levar vestida...

Dando ouvidos de mercador "raspo-me". Cá fóra emfim, dezoprimido, respiro a largos sorvos o ar livre das avenidas.

MOXILA.

Vivendo as claras

Movimento geral da receita e despeza do Grupo Editor de "O Cosmopolita" até 30 de Novembro.

RECEITA

Saldo do balancete ultimo.	1:180$000
Recebido de anuncios. . .	180$000
Recebido de 18 assinaturas de ano	90$000
Recebido de seis assinaturas de semestre	18$000
Recebido de oito ingressos do festival.	16$000
Soma	1:484$800

DESPEZAS

Compozição e impressão do 1º numero.	120$000
Idem do 2º numero.	110$000
Idem do 3º numero.	110$000
Aquizição de livros para a bibliotéca do Grupo.	100$700
Livros para escrituração. . .	8$000
Indenização aos muzicos pelo extravio das cordas da citara.	26$000
Carretos.	4$000
Passajens de bondes.	2$000
1000 talões de recibos.	14$000
Papel almaço.	1$000
1000 manifestos.	18$000
Distribuição dos mesmos . .	1$000
1 brok de papel.	1$200
1 livro para catálogo da bibliotéca.	1$000
1 dito de etiquetas.	2$000
2 talões em branco	2$600
1 blok de papel.	1$300
5 estampilhas.	1$500
Selos para distribuição do 1º numero.	5$000
Ditos para a distribuição do 2º numero.	6$600
Ditos para a distribuição do 3º numero.	8$600
Passajens de bondes.	2$400
Gratificação ás oficinas. . .	5$300
Porcentajem do cobrador. .	10$000
Soma.	562$200

REZUMO

Receita.	1:484$800
Despeza.	562$200
Saldo.	922$600

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*